

# ARTE E NATUREZA HUMANA: OBSERVAÇÕES SOBRE STRANGE TOOLS (2015) DE ALVA NOË

Guilherme Mautone

Realiza doutorado em Filosofia no Departamento de Filosofia (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisa Filosofia da Arte e Estética, com ênfase no problema da intencionalidade artística, narratividade e identificação de arte. A pesquisa é apoiada pela CAPES e é orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kathrin Rosenfield. E-mail para contato: guimautone@gmail.com

**Resumo:** O artigo pretende apresentar e discutir as principais teses defendidas por Alva Noë, recentemente publicadas em *Strange Tools* (2015), sobre a questão da natureza humana e, especialmente, sobre a natureza da arte. O argumento principal de Noë consiste em explicar a natureza humana através da noção de *atividades organizadas* e, consequentemente, a arte em termos de uma *reorganização exibitiva* dessas *atividades organizadas*; dividindo, portanto, dois níveis distintos de engajamento atitudinal humano. O artigo também apresenta e discute a *abordagem enativista* à percepção de Noë, por entender que ela gera implicações interessantes para nossa compreensão atual sobre o estatuto da percepção, tanto em filosofia e em estética, quanto em arte.

**Palavras-chave:** Arte; Natureza humana; Atividades organizadas; Enativismo; Alva Noë.

## ART AND HUMAN NATURE: OBSERVATIONS ABOUT ALVA NOË'S STRANGE TOOLS (2015)

**Abstract:** This essay presents some of Alva Noë's main theses on *Strange Tools* (2015), especially those about human nature and the nature of art. Noë's central argument is that human nature can be explained through the notion of *organized activities* and art, in its turn, is explained as a peculiar form of *reorganization and exhibition* of these *organized activities*. One conclusion is that human engagement on activities is divided in two distinct levels. The essay also presents Noë's *enactivist approach* for perception, mainly because it generates philosophical implications for our present comprehension of perception on the fields of philosophy, aesthetics and art.

**Keywords:** Art; Human nature; Organized activities; Enactivism; Alva Noë.



## PREÂMBULO

De tudo isto, meus amigos, surge uma lição que o poeta deverá aprender com os outros. Não há nenhuma solidão intransponível. Todos os caminhos levam ao mesmo ponto: à comunicação do que somos. E devemos atravessar a solidão e a aspereza, o isolamento e o silêncio, para então chegar ao recinto mágico em que podemos dançar torpemente nossa dança ou cantar com melancolia a nossa canção – mas nesta dança ou nesta canção estão consumados os mais antigos ritos da nossa consciência, da consciência de ser humano e de crer em um destino comum (Neruda, 1971).

O objetivo principal deste artigo consiste em apresentar e em discutir as principais teses endossadas por Alva Noë em um de seus trabalhos mais recentes, *Strange Tools – Art and Human Nature*, de 2015<sup>1</sup>. Muito embora o trabalho de Noë apresente uma tese forte sobre a natureza da obra de arte, essa discussão aparece peculiarmente incorporada em uma discussão mais ampla sobre a natureza das práticas humanas e sobre a natureza da mente; e isso, assim apresentado, parece-me corresponder de modo bastante claro a uma consideração de pretensões explicativas sobre a própria *natureza humana*. Ou seja, haveria por parte de Noë em seu trabalho de 2015 uma tentativa de explicar o fenômeno da natureza humana, bem como o da obra de arte, ao acenar para a possibilidade de descrevê-los em termos explicativos.

Desse modo, procurei organizar o texto da seguinte forma. Na primeira seção apresentarei as principais teses de Noë sobre sua compreensão da vida humana e sobre a vinculação dela ao que ele denomina de *atividades organizadas*. Na segunda seção, apresentarei a compreensão de Noë sobre a arte e a filosofia, procurando deixar claro de que modo ele as elabora como *reorganizações expositivas* das *atividades organizadas* e, nesse sentido, como elaborações de segunda ordem. Isso implicará a postulação, por parte do autor, de atividades de primeiro e de segundo nível, com distinções específicas e funções particularizantes. Na terceira seção, tecerei alguns comentários sobre a *concepção enativista* para a percepção, posição que Noë subscreve ao longo de seu trabalho mais recente e que vem sendo por ele desenvolvida desde *Varieties of Presence* (2012) e *Action in Perception* (2004). Assim, a divisão do meu texto respeita, em certo sentido, a própria estruturação de *Strange Tools* (2015), o que, espero, traga para a análise certa correspondência coesiva com o texto do autor.

## 1. VIDA HUMANA E ATIVIDADES ORGANIZADAS

O ponto de partida de Noë consiste na constatação da abundante presença



de *madonnas* – representações de mulheres em situações de cuidado, maternagem e, frequentemente, de amamentação – na tradição pictórica ocidental, especialmente no período renascentista (Noë, 2015, p. 3). Essa constatação poderia ser um indício das possíveis relações entre a amamentação e a natureza própria da arte? Por qual razão esse tema pontua de modo tão diverso, mas tão reiteradamente, toda uma série de pinturas importantes nessa tradição? Ou, ainda, porque esse tema parece ganhar espaço na tradição da representação pictórica?

Noë toma a constatação sobre a presença reiterada do tema da amamentação enquanto um indício muito peculiar de duas coisas. Por um lado, seria um indício de que a arte seria capaz de conduzir nossa atenção para determinadas situações relacionadas à vida humana quando as apresenta corporificadas em seus diferentes suportes; e, por outro lado, também seria indício de que a arte por vezes é capaz de evidenciar, mostrar e exibir certas atividades e certos hábitos que lastreiam de modo decisivo a organização da vida humana e, ao perfazer essa exibição, a arte poderia colocar essas atividades e esses hábitos em destaque (Noë, 2015, p. 3 e 4).

Se em algumas ocasiões a arte é capaz de exibir e de apresentar certos hábitos relevantes da vida humana, e se ela o faz reiteradamente como no caso apresentado sobre o tema da amamentação, então é legítimo pensar que essa atividade está sendo enfatizada e destacada pela produção artística porque ela concentra algo relevante para a nossa vida. É a partir desse arrazoado que Noë acena para a primeira tese de seu livro, a saber: que o processo de amamentação é um hábito comumente representado pela pintura porque ele se constitui como uma atividade capaz de organizar a vida humana, ela é uma atividade que nos organiza (Noë, 2015, p. 5). Tendo, assim, recebido um estatuto de *atividade organizada*, o processo de amamentação será detalhadamente analisado por Noë; e dessa análise serão desdobrados seis aspectos essenciais, definicionais, para a construção da noção, ou conceito, de *atividade organizada*.

Antes de apresentar uma definição de *atividade organizada*, é importante, para o sucesso do argumento de Noë, considerar a amamentação entre os seres humanos como uma atividade mais complexa e, sobretudo, com níveis de distinção relevantes da amamentação entre outros tipos de mamíferos. O processo de amamentação entre os mamíferos em geral cumpre inicialmente um papel nutritivo, metabólico, hormonal e imunológico, uma vez que estes ao nascerem se encontram em um estágio de desorganização neurológica e de prematuração funcional que varia entre diferentes classes biológicas e depois



diferentes espécies. Haveria, assim, uma razão estritamente biológica por trás da amamentação. É essa prematuração funcional, chamada também de *fetalização* ou, contemporaneamente pela biologia do desenvolvimento, de *neotenia*, que impossibilita a sobrevivência dos animais logo após o nascimento sem a presença da amamentação e da proteção pelos genitores<sup>2</sup>. E a indicação temporal de quando seria o momento em que a cria de mamífero está pronta para sobreviver sem o apoio dos genitores é uma questão que envolverá discussões subseqüentes sobre idade de vida relativa à espécie, maturidade reprodutiva e contato com o meio ambiente. Particularmente na espécie humana, o processo de *fetalização* é bem mais prolongado que nas outras espécies da classe dos mamíferos ao considerarmos a idade vital relativa dos humanos, fazendo com que a cria humana exija cuidados por um tempo ainda mais prolongado. Esse fato biológico sobre as fases do desenvolvimento biológico humano abre, portanto, a oportunidade para que se considere de que modo incidem nela os aspectos que estão para além do biológico, a saber, culturais. Embora a prática humana da amamentação varie entre as sociedades humanas, é possível descrevê-la, como faz Noë, como uma atividade marcada por todos os traços biológicos também comuns a outras espécies de mamíferos (alimentação, imunização, desenvolvimento hormonal e funcional), mas suplementada pela troca de afeto e carinho e, sobretudo, pelo início das primeiras trocas simbólicas e culturais. Lacan, em seu *O estádio do espelho como formador da função do eu*, chamará atenção precisamente para esse ponto em seu trabalho, insistindo que nesses encontros da cria com seus cuidadores (cujo exemplo da criança em frente ao espelho é uma espécie de metáfora sugestiva) são encontros marcados pela fundação de uma instância psíquica nova nela, na qual se inscrevem imagens específicas para a estruturação da subjetividade, marca da própria humanidade (Lacan, 1949, p. 96-101). Fica claro, portanto, que Noë pretende defender a tese de que o processo de amamentação na espécie humana, embora tenha similaridades com a amamentação em outras espécies de mamíferos, possui traços distintivos, marcadamente culturais e que são essenciais para a constituição do que entendemos por humanidade. Por essa razão que a amamentação se enquadra, para ele, no rol de *atividades organizadas*.

*Atividades organizadas* sempre são para Noë (1) originárias e primitivas, no sentido de que possuem um fundamento *natural*; elas envolvem (2) o *exercício de habilidades cognitivas* que poderão se refinar e se desenvolver com o passar do tempo; elas são (3) temporalmente estruturadas, encontrando-se internamente arranjadas por uma dinâmica temporal própria; os indivíduos nelas engajados (4) não as controlam diretamente, não as determinam completamente, embora possam



intensificá-la ou refreá-la; elas apresentam (5) uma função, ou seja, encontram-se direcionadas a realização de uma finalidade habitual; e, por fim, as atividades organizadas são atividades que podem (6) suscitar prazer aos envolvidos (Noë, 2015, p. 5 e 6).

É dessa maneira, portanto, que Noë parte de uma consideração objetiva sobre a presença de um tema comum da tradição pictórica ocidental para, por fim, lograr a construção dos elementos constitutivos ou essenciais do conceito de atividade organizada. Interessante salientar que a explicação de Noë sobre o conceito irá, logo em seguida, analisar tanto o sentido que ele deseja conferir ao termo ‘organizada, como o elemento do hábito ou o fato de que as atividades organizadas são habituais. Na sequência, abordaremos cada um destes aspectos separadamente.

Ao que tudo indica, Noë compreende a ideia de *organização* por dois vieses distintos: primeiramente o biológico e, secundariamente, o cultural. Cito Noë:

A organização, é importante dizer, consiste em um conceito biológico. Seres vivos são organismos – [são] todos organizados – e o desafio conceitual central que a vida lança no colo da ciência é o de entender como a simples matéria e tudo aquilo que é da ordem da física, acaba por ser tomada, integrada e *organizada* num [processo de] auto-fazer da criação de mundos típica da vida. [...] a organização é fundamentalmente a nossa condição biológica, nossa condição existencial (Noë, 2015, p. 6).

Poder-se-ia entender, portanto, que Noë chama atenção para o fato de que, de um ponto de vista estritamente biológico, encontramos necessariamente organizados; somos, *em nossa biologia, todos organizados*. E, de tal modo, que nossa organização nesse sentido primeiro, basal, corresponde a nossa própria condição existencial. Contudo, essa organização não se limita ao biológico, mas o transpõe também, desdobrando um sentido cultural de organização. Cito novamente Noë:

Estar vivo é ser organizado e, na medida em que somos mais do que simplesmente organismos, mas também pessoas, nós nos encontramos organizados ou integrados de maneiras ainda mais amplas que nos vinculam ao ambiente, a nós mesmos e aos nossos mundos sociais (Noë, 2015, p. 6).

Desse modo que incide, na análise sobre a noção de organização, a dimensão cultural. Somos não só organizamos basilarmente, biologicamente, mas também nos encontramos organizados de modos ainda mais complexos e através de conexões que nos articulam com o ambiente, com outros indivíduos e com as diversas atividades que engendramos ou executamos. A ideia, aventada



por Noë desde o trecho anterior, de que há uma espécie de *criação de mundos*, de que estamos vinculados a mundos sociais, amplia diametralmente a análise da noção de organização, fazendo incidir também a dimensão da interação social e a dimensão da construção da cultura<sup>3</sup>.

Além de um esclarecimento sobre a noção de organização, Noë também se apressa em explicar como as atividades organizadas podem ser entendidas como atividades *habituais*, uma vez que são também naturais, primitivas<sup>4</sup>. Atividades organizadas são habituais no sentido de que a sua realização – com habilidade e com *proficiência* – só poderá ser garantida na medida em que nós, enquanto executores dessas atividades organizadas, as tornamos habituais através de uma espécie de relaxamento, como se nos acostumássemos com elas ao ponto de realizá-las sem esforço, sem estarmos necessariamente conscientes de as estarmos realizando, sem pensarmos sobre elas. O ponto, que parece problemático em princípio, merece um maior esclarecimento. É legítimo considerar que Noë indique com o aspecto habitual o fato de que essas *atividades organizadas* – amamentar, caminhar, conversar, dirigir – são atividades que, embora exijam de nós complexas e refinadas capacidades cognitivas, uma vez que são aprendidas, então passam a ser realizadas por nós de modo quase condicionado e quase intuitivo, sem que nos exijam a todo o momento um esforço particular em sua realização. Nesse sentido, falar em termos de um *certo condicionamento* não parece excessivo, porque são atividades que se “desenrolam quase que automaticamente e sem esforço” (Noë, 2015, p. 8). Caberá, portanto, esclarecer em qual nível essas atividades são realizadas. Se em nível inconsciente, a partir do qual caberá falar rigorosamente em termos de condicionamento e, até, de automação. Ou, por outro lado, se em nível consciente, a partir do qual caberá falar em decisão, propósito e agência. Noë parece oferecer uma resposta intermediária para a questão:

O ponto é que o nível no qual [estas] atividades estão organizadas não é o nível do sistema nervoso, muito menos o nível do átomo. Mas também não é o nível da consciência e da ação deliberada. Nós nos encontramos organizados [por atividades] em um nível intermediário, aquele que a roboticista Dana Ballard chamou de o “nível da corporificação” [“embodiment level”]. Esse nível crítico não é *subpessoal* – não é o nível das coisas que acontecem dentro de nós, como quer que entendamos isso. O que nos interessa, afinal de contas, é precisamente o que a *pessoa* faz, para o que ela olha, para o que ela presta atenção, etc. Mas esse tampouco é o nível *pessoal*, aquele a partir do qual a pessoa decide *conhecendo* e *autorando* (Noë, 2015, p. 8).

Assim, o ponto para o qual Noë pretende chamar atenção parece dizer respeito ao reconhecimento da possibilidade de assumirmos novas naturezas: “É



da nossa natureza assumirmos segundas naturezas” (Noë, 2015, p. 7). E, nesse sentido, insistir em uma dualidade entre *primitivo* ou *aprendido*, entre *biológico* ou *cultural*, parece corresponder a um distanciamento da sua proposta. Entendido de outro modo, talvez seja legítimo dizer que a proposta de Noë diz respeito ao reconhecimento de uma gama de possibilidades que é apagada pela insistência nessa mencionada dualidade, bem como ao reconhecimento de que, inseridas as categorias de ‘primitivo’ e ‘aprendido’, faz-se necessário reconhecer que os seres humanos tendem a *naturalizar o aprendido*, o cultural, tendem a *torná-lo habitual*. E só nesse sentido é que os indivíduos poderão se engajar em atividades (que são originalmente de uma categoria artificial) de modo natural e quase que automaticamente. Assim, para Noë, o ponto é:

Nós somos organizados. Nós nos organizamos. Nós somos organismos. Nossas vidas são estruturadas por atividades organizadas, na [análise] ampla e na específica. Nossas vidas correspondem um grande complexo que se abriga em atividades organizadas em diferentes níveis e escalas. Falar, caminhar, comer, perceber, dirigir. Estamos sempre capturados por estruturas organizativas. Essa é a nossa condição natural e, de fato, a nossa condição biológica. É um fato básico a nosso respeito. E, crucialmente, essas estruturas de organização não são feitas por nós mesmos. Nós não controlamos ou orquestramos ou inventamos as configurações dinâmicas que nos organizam quando andamos, olhamos, escutamos, amamentamos ou conversamos. Nós não estamos exatamente presos a elas – pois a nossa participação nestas práticas é que, em vários sentidos, corresponde precisamente ao exercício da nossa agência. É como fazemos amigos, encontramos parceiros, nos deslocamos do ponto A ao ponto B, reconhecemos pessoas na multidão. Mas nós estamos perdidos ou, no mínimo, passíveis a nos perdermos nas complexas configurações de organização que constituem as nossas vidas (Noë, 2015, p. 10)

Farei a partir daqui uma síntese dos principais passos dados por Noë afim de assentar e caracterizar com mais cuidado a noção de *atividade organizada*. Para ele a vida humana se encontra fundamentalmente caracterizada através de uma infinidade de *atividades organizadas*. São essas atividades que moldam e estruturam decisivamente nosso modo de pensar e de agir, porque elas nos organizam. Realizar, participar e se engajar em *atividades organizadas* é algo habitual, algo *natural*; e o sentido de ‘natural’ aqui diz respeito não àquela distinção entre algo ‘inato’ e algo ‘aprendido’ ou entre algo ‘primitivo’ e algo ‘construído’; mas diz respeito às atividades que, embora sejam aprendidas diante de novas tecnologias e diante da inserção na cultura, serão realizadas natural e espontaneamente depois de aprendidas. E, por fim, as *atividades organizadas* que nos estruturam são variegadas e diversas, possuem estruturação temporal, emergem dos seres humanos (individualmente ou socialmente), desempenham funções sociais e também funções pessoais ou biológicas e são, finalmente, prazerosas ou pelo



menos potencialmente prazerosas.

Embora Noë não particularize um critério social específico em sua definição de *atividades organizadas* e deixe, inclusive, claro que *atividades organizadas* não são necessariamente sociais<sup>5</sup>, penso ser importante mencionar a esta altura outro pensador que tem contribuído decisivamente para nossa compreensão sobre as formas de engajamento humano em atividades estruturadas e o quanto esse engajamento apresenta ou não requisitos sociais. Cito, portanto, Tomasello:

Teoreticamente, avanços recentes na filosofia da ação ofereceram novas e poderosas maneiras de pensar sobre esses modos mais profundos e primitivos de um engajamento tipicamente humano. Um pequeno grupo de filósofos da ação (...) investigaram como os humanos colaboram uns com os outros em atos – de uma chamada – *intencionalidade compartilhada* ou *nós-intencionalidade*. Quando indivíduos participam uns com os outros em atividades colaborativas, eles determinam conjuntamente objetivos compartilhados e uma atenção associada que, por sua vez, viabilizam a criação de papéis individuais e perspectivas individuais que precisarão ser coordenadas entre eles (Tomasello, 2014, p. 3).

Assim, parece-me que a proposta de Tomasello consiste em sugerir que algumas recentes perspectivas da filosofia da ação acabam por oferecer um *insight* sobre formas de articulação entre indivíduos que carregam traços marcadamente humanos; o que suscitaria ou, no limite, sugeriria a ideia de uma natureza humana. Natureza que seria marcada, portanto, por uma forma de interação coletiva, onde o ato de *intencionalidade compartilhada* (ou *nós-intencionalidade*) desdobraria a especificidade do humano, apontando para algo que não se encontra em outras espécies. Desse modo, a *intencionalidade compartilhada* consistiria num processo interativo entre indivíduos onde a finalidade das ações e o foco da atenção acabam por se associar também coletivamente, suprimindo uma dimensão puramente individual, egoística, autoconservadora, etc. Essa *nós-intencionalidade* geraria inclusive a necessidade de uma mediação e de uma coordenação da dimensão *individual* frente a uma dimensão *colaborativa*. Logo, a noção de intencionalidade compartilhada forneceria igualmente o lastro para a criação e para a articulação de estruturas ainda mais complexas e abstratas, conforme aponta Tomasello:

Ademais, há uma profunda continuidade entre essas manifestações concretas de finalidade e atenção associadas com as práticas e os produtos culturais ainda mais abstratos como, por exemplo, as instituições culturais que são estruturadas – e, de fato, criadas – por convenções e normas sociais acordadas [entre os indivíduos]. De modo geral, humanos são capazes de se coordenarem uns com os outros de uma forma tal, que ela é [algo] inalcançável aos outros primatas; [humanos] são capazes de formar um “nós” que age como uma espécie de agente plural para criar tudo, desde uma festa de caçada colaborativa a uma instituição cultural (Tomasello, 2014, p. 3).





O ponto de Tomasello, ao que tudo indica, consiste em conferir ênfase ao elemento da *intencionalidade compartilhada* e apresentá-lo ao leitor enquanto o elemento especificamente diferenciador da espécie humana. A *nós-intencionalidade* seria, portanto, um dos aspectos centrais por trás da ideia de uma natureza humana, caracterizando-se basicamente pela disposição à associação de finalidades e de atenção na busca resolutiva de alternativas concretas.

Diante disso, parece-me que as propostas de Noë e de Tomasello se distanciam. Enquanto o primeiro compreende a vida humana como algo necessariamente estruturado a partir da noção de *atividades organizadas* que, por sua vez, são individuais ou sociais; o segundo, diferentemente, compreende a vida humana como estando elementarmente marcada pela noção de *intencionalidade compartilhada* e que consiste num processo de associação e de coordenação entre demandas individuais e coletivas com vistas a realização de uma finalidade comum.

### 3. ARTE, FILOSOFIA E EXIBIÇÃO

Ao longo desta seção pretendo discutir a tese oferecida por Noë para a natureza da arte. É crucial reiterar que essa tese aparece como uma espécie de desdobramento da tese inicial a respeito da estruturação da vida humana através de *atividades organizadas*.

Um exemplo de atividade organizada que estrutura a vida humana – atividade dotada de configuração temporal, que desempenha funções biológicas ou sócio-culturais, que é prazerosa, etc. – é a dança. A dança indica, na perspectiva de Noë, essencialmente o ato associado a ela, dançar, que é uma atividade realizada por indivíduos diferentes, em diferentes contextos culturais, sociais, etários, e com objetivos diferentes. Uma criança dança em certos contextos e com finalidades específicas. Já um adulto dança em outros contextos e com outras finalidades. Dançar é, portanto, uma *atividade organizada*. A *coreografia*, no entanto, não é idêntica à dança, embora envolva necessariamente a ação de dançar. A diferença crucial entre a dança e a coreografia é que a primeira consiste em uma atividade que acontece em contextos variados e é realizada por pessoas diferentes, já a segunda possui exclusivamente uma única finalidade: a de exibir [*to display*], de encenar, evidenciar, de chamar atenção, de mostrar. Mas o que, afinal, exhibe, encena, evidencia, chama atenção e mostra a coreografia? Ela exhibe [*it displays*] o próprio *ato de dançar*, ela chama atenção para o próprio dançar enquanto *atividade organizada*. Ela reorganiza-o.



A coreografia é importante (...) não tanto porque dançar é algo em si mesmo importante, mas principalmente porque *nós somos dançarinos* e esse é um fato profundo e importante sobre nós mesmos, sobre a maneira pela qual nos encontramos organizados. Coreografar uma dança é tornar visível essa atividade organizada dentro da qual nos encontramos, por natureza, engastados; mas também dentro da qual nos encontramos, como costumeiramente acontece, perdidos. A coreografia lança luz por sobre uma das muitas formas através das quais nos organizamos (Noë, 2015, p. 14).

Essa é, portanto, a tese de Noë sobre a natureza do artístico. A arte é uma estranha ferramenta porque ela exerce a capacidade muito peculiar de exhibir e de chamar a nossa atenção para o conjunto variado e heterogêneo de *atividades organizadas* que estruturam a vida humana. A arte é, nesse sentido, uma atividade de segunda ordem, porque ela exhibe (1) o que é uma *atividade organizada*; (2) como ela pode e como ela é realizada; (3) em quais contextos ela é realizada; (4) e, por fim, de que maneiras ela pode ser *reorganizada*. Assim, se a dança é, de fato, uma atividade organizada, então a coreografia é de fato uma forma de *reorganização atitudinal*. Mas não somente isso; para Noë do fato de exibirem todos estes aspectos sobre as *atividades organizadas*, as artes, essas atividades de segunda ordem, realizam verdadeiras *investigações* sobre a natureza das atividades que diariamente realizamos e o quanto somos por elas absorvidos (Noë, 2015, p. 15).

É através dessas duas teses, uma sobre a natureza humana e a segunda sobre a arte, que Noë, conforme apontam alguns comentadores, estabelece uma distinção entre níveis de atividades (Matthen, 2016; Forlè, 2016). As atividades do nível 1 seriam todas as muitas e distintas atividades organizadas que estruturam a vida humana. E as atividades do nível 2 seriam as formas artísticas (mas, também, a própria filosofia). Uma das consequências mais interessantes da tese de Noë a respeito da natureza da arte consiste na reformulação de uma série de posições historicamente assumidas, portanto canônicas, e que nos legaram contemporaneamente balizas teóricas para a compreensão do artístico. Assumir a tese de que a arte é uma forma de reorganização das atividades de primeiro nível exige, por exemplo, o endereçamento de noções consensuais muito antigas, como as de tecnologia, de práticas sistemática de exploração expressiva de artesanias, de atividade técnica. A ideia, título do livro, de que a arte é uma *estranha ferramenta* reorienta, em certo sentido, essa própria tradição. E isso porque

se as atividades técnicas produzem diferentes tipos de ferramentas que, por sua vez, servem a diferentes finalidades, a arte não serve a finalidade alguma. Ela investiga o que nossas atividades do nível 1 produzem (por, exemplo, músicas, pinturas, utensílios, movimentos de dança e assim por diante) e procura nos fazer reconhecê-las sob uma nova luz: neste sentido, quando tornam-se obras de arte, os objetos perdem sua utilidade prática. Eles não



servem mais a objetivos específicos e, desse modo, parecem-nos estranhos (Forlè, 2016).

Noë, contudo, vai além e amplia essa compreensão, fazendo com que sua proposta não incida unicamente numa revisão da própria fundamentação de uma natureza da arte ao (re)inaugurar a oportunidade para que se discutam e revisem conceitos canonicamente assentados, mas direciona um procedimento similar à própria ideia de filosofia. É que para Noë a filosofia também uma atividade de segunda ordem, de um segundo nível, exatamente como a arte. Porque a filosofia empreende um tipo particular de investigação sobre os nossos próprios modos de organização, bem como sobre as próprias formas e maneiras pelas quais nos encontramos decisivamente incorporados nesta miríade de atividades organizadas. A filosofia também é uma *atividade reorganizativa* porque empreende investigações sobre quais são as atividades cognitivas envolvidas para a consecução das atividades do nível 1 e quais são os seus limites. Por exemplo, quando sugere perguntas sobre o que é argumentar, o que é formar uma crença, sobre os desenvolvimentos científicos e assim por diante (Forlè, 2016).

#### 4. CONCEPÇÃO ENATIVISTA

Noë introduz a discussão sobre o problema da percepção logo no primeiro capítulo de seu livro, depois de mencionar, um tanto rapidamente, que as *atividades organizadas* não precisam ser necessariamente caracterizadas por um elemento social. O ato de ver, por exemplo, para Noë, é uma *atividade organizada* que prescinde do aspecto social. A partir dessa rápida observação, ele passa a uma consideração sobre a percepção; primeiro, apresentando-a como um processo múltiplo, não homogêneo e, depois, sugerindo para ela algumas funções.

Noë afirma que:

Nós usamos nossos olhos para guiar nosso comportamento ao dirigir, ao cozinhar o jantar, para tomar um banho, para ler um livro. Mesmo quando assistimos TV, o que parece algo tão passivo quanto simplesmente encarar a caixa (ou a tela), a nossa atenção se foca em um mundo que é colocado em exibição diante de nós, um mundo pelo qual nos interessamos e sobre o qual pensamos. Perceber é [algo] tipicamente parecido com agir (Noë, 2015, p. 9).

Desse modo, o autor pretende distanciar-se de uma concepção, bastante paradigmática na história da filosofia, de entender a percepção enquanto um processo fundamentalmente *passivo*, através do qual recebemos estímulos do mundo e os processamos internamente através de modulações epistêmicas mais



ou menos complexas<sup>6</sup>. Para Noë, não é legítimo compreender a percepção como um processo simples, formalmente fundamentado, de recepção de estímulos e subsequente processamento e complexificação dos mesmos. Diferentemente disto, a percepção consiste num processo ativo, como um agir. Para tanto, ele sugere novamente que se pense, por exemplo, a partir da ideia de Ballard sobre nível intermediário ou nível de incorporação. Diz Noë:

Toda vez que você move os seus olhos ou as suas mãos, você produz modificações sensoriais. E, conforme você se move em relação ao ambiente, o modo como as coisas parecem se modifica drasticamente. Nós não estamos conscientes de nada disso na maior parte do tempo. Isto é, nós não temos a impressão de que as cores das roupas que estamos usando mudam quando vamos para a rua, embora elas de fato mudem [...]. (Afinal de contas, como elas parecem em relação a cor é algo diferente em meio à forte luz do sol!) E as coisas não parecem aumentar de tamanho conforme nos aproximamos delas. Psicólogos chamam isso de constância perceptual (Noë, 2015, p. 9).

Parece-me que o ponto principal desse trecho consiste em apontar para o grau de complexidade envolvido na experiência de perceber e o quanto essa *experiência* se encontra indissociavelmente imiscuída a nossa presença no mundo. E mais, presença que indisputavelmente suscita a ideia de estabilidade, de constância, de ajuste entre sujeito e ambiente<sup>7</sup>. Segue Noë:

O que é assombroso é que nós certamente somos sensíveis a essas mudanças no tamanho e no formato e na cor aparente das coisas ao nosso redor conforme nos movemos; de fato, é a nossa própria fluente maestria delas, a nossa familiaridade com elas, que torna possível em primeiro lugar o fato de que possamos usar essa configuração de variabilidade como uma maneira de nos situarmos num mundo estável ao nosso redor. Note que nós não nos sentamos quietos e contemplamos o mundo visualmente do mesmo modo que contemplamos imagens em uma tela de cinema. Nós continuamente nos movemos de lá pra cá e semicerramos os olhos e os ajustamos para trazer e manter o mundo em foco (Noë, 2015, p. 9).

E segue Noë:

Ver, se essa [minha] abordagem é correta, consiste em uma troca dinâmica, temporalmente compreendida, com o mundo ao nosso redor; troca que é guiada por princípios temporais, ponderação, movimento, espontaneidade, função e prazer; princípios como aqueles que vemos em operação quando dirigimos ou andamos ou amamentamos, atividades também governadas por todos os tipos de compreensões aprendidas e expectativas e engajamentos com isto ou aquilo (consertar um relógio, digitar um texto, dirigir pra casa, etc.). Ver, conquanto que o expliquemos com o nível certo de descrição, é uma atividade organizada. É algo básico e natural, ainda assim cognitivamente complexo. É algo temporalmente organizado, mas sua organização não é resultado de nosso controle deliberado ou determinação. E certamente é algo que serve a uma função vital, seja ela algo individual,



relativo aos nossos projetos e relacionamentos, ou algo típico da nossa espécie (Noë, 2015, p. 9 e 10).

Assim, o tratamento da percepção e, mais especificamente, da experiência da visão enquanto *atividade organizada*, pretende chamar atenção para o fato de que esse tipo de experiência em particular – a da visão – constitui, embora não seja uma experiência social ou culturalmente determinada em sua consecução diária e continuada, uma das importantes formas de estruturação da vida humana através de *atividades organizadas*. Ver, ainda que seja algo inicialmente individual, é uma *atividade organizada* e, nesse sentido, diz respeito à natureza humana.

A concepção *enativista* advogada por Noë, ou seja, sua tese de que a visão faz parte de uma complexa capacidade de investigação e exploração do ambiente no qual os sujeitos se situam, vivem e se desenvolvem, rediscute fundamentalmente a concepção *standard* sobre o processo perceptivo em filosofia. Sua visão se coaduna com as principais teses *enativistas*, conforme aponta Nascimento:

Em suma, a abordagem enativista considera que (1) o sujeito dos estados mentais é considerado como sendo o animal corpóreo, ambientado e situado; (2) o animal e o ambiente são pensados como um par, estando em uma relação essencialmente unidos e reciprocamente determinados; (3) estados perceptuais e outros estados cognitivos são pensados em termos de atividade por parte do animal e como não-representacionais (Nascimento, 2014, p. 67).

## 5. ENCERRAMENTO

Ao longo deste artigo procurei apresentar alguns aspectos da proposta de Alva Noë, em especial as teses avançadas por ele em seu livro *Strange Tools – Art and Human Nature*, de 2015. Procurei salientar, ao longo do texto, o tratamento que Noë confere ao que chama de *atividades organizadas* e que, em sua perspectiva, são fenômenos característicos da natureza humana. Seres humanos organizam-se estruturalmente – tanto no âmbito individual, quanto no âmbito social – através dessas *atividades organizadas*, cuja elaboração teórica apresenta uma variedade de elementos relevantes (presença efetiva ou potencial de prazer, variedade, configuração temporal, independência do controle dos sujeitos, etc.).

A tese de Noë a respeito da natureza da arte depende, inteiramente, da sua caracterização inicial sobre as atividades organizadas, uma vez que as obras de



arte apresentam fundamentalmente a capacidade de exibição e investigação dessas atividades. Nesse sentido, se lança mão de uma caracterização em níveis distintos, nível 1 ou o nível das *atividades organizadas* e nível 2 ou nível da *reorganização* (escopo da arte, mas também da filosofia). Um corolário, bastante trivial, desse tratamento é que a arte é essencialmente uma produção humana. Por fim, procurei apresentar alguns aspectos sobre a concepção *enativista* avançada por Noë, procurando chamar atenção para como ela aparece na primeira parte de seu livro.

Meu interesse particular pelo trabalho de Noë se dá, inicialmente, em função do seu ingresso no debate sobre a natureza do artístico. Me dou conta, conforme concluo, que as propostas de Noë me parecem oferecer diversos pontos de interesse e de engajamento para pesquisas futuras, na expectativa de um maior aprofundamento em sua contribuição filosófica. Contudo, parecem-me merecer igualmente atenção crítica, promovendo futuros debates sobre as vantagens teóricas de sua perspectiva e, também, as fraquezas desse tipo de incorporação sobre a discussão do artístico dentro de uma discussão sobre a natureza humana.

## NOTAS

<sup>1</sup> O livro de Alva Noë ainda não conta com uma tradução portuguesa. Julguei mais conveniente ao leitor realizar a tradução de todas as passagens literais de Noë que trago ao longo deste texto, de modo que a competência pela tradução é de minha inteira responsabilidade. Do mesmo modo, todas as obras em inglês sem tradução para o português citadas neste artigo foram traduzidas por mim.

<sup>2</sup> A noção de *fetalização* foi desenvolvida pelo biólogo holandês Lodewijk Bolk e, mais tarde, analisada e discutida pela biologia do desenvolvimento. Cf. Verhulst, *Louis Bolk revisited II—Retardation, hypermorphosis and body proportions of humans*, 1993.

<sup>3</sup> Esse *topoi* da ‘construção de mundos’ como algo que nos permite entender de modo incisivo a dimensão organizada da natureza humana é particularmente rico na literatura, na filosofia e na tradição artística ocidental. Exorto o leitor a conferir Rilke, *O livro de horas* (2009), em especial o poema *Obreiros somos*: “Obreiros somos – mestres, aprendizes, serventes – e te construímos, ó grande nave altaneira. Às vezes chega a nós um peregrino silente; ei-lo que como um clarão cruza as nossas cem mentes e trêmulo nos traz alguma nova maneira”. Também em filósofos como Husserl e Heidegger, particularmente no segundo, o conceito de *mundo* ganha um



matiz especificamente antropológico, de algo produzido pelos indivíduos e para a organização dos indivíduos. Nesse sentido, a apropriação feita por Arthur Danto da palavra ‘mundo’ para compor filosoficamente seu conceito de ‘mundo da arte’ me parece indicar, de modo bastante interessante, como podemos entender de modo legítimo tal conceito, bem como a sua prevalência em nossas discussões pragmáticas e mais atuais.

<sup>4</sup> Esses dois aspectos, aparentemente contraditórios, são inseridos por ele em sua definição de atividade organizada, são as condições (1) e (5) de sua definição, apresentadas anteriormente.

<sup>5</sup> Cito-o: “Não é um requisito que atividades organizadas sejam sociais” (Noë, 2015, p. 8). E, a partir dessa observação, Noë passará a discutir o processo de percepção como *um* exemplo de *atividade organizada* não-social, avançando, ainda que sutilmente, sua abordagem *enativista*.

<sup>6</sup> Penso particularmente em Aristóteles e seu modelo do sinete sobre cera, apresentado no *De Anima* (*Da Alma*). Embora Aristóteles não tenha sido o primeiro pensador a oferecer um modelo causal para a percepção – entendendo-a enquanto um processo receptivo das *formas*, via geração de *fantasmas* (entidades intencionais, mentais) dentro da alma seguido de um subsequente processamento abstrativo de suas particularidades sensíveis – seu modelo será amplamente comentado pelos escolásticos e, mais tarde, retomado frontalmente por Franz Brentano. Fodor (1983), mais recentemente, parece-me entender de modo similar a percepção, tematizando o processo perceptivo através de estágios de processamento informacional e, ademais, fundamentados formalmente, computacionalmente.

<sup>7</sup> Nesse sentido, a exploração que Noë (2004) faz em outros trabalhos sobre o uso de óculos e outros dispositivos com lentes inversoras é interessante. As lentes promovem uma ruptura com a experiência usual, normal, da visão e exigiriam, se fossem usadas permanentemente, um reaprendizado total do próprio sujeito no mundo (Nascimento, 2014, p. 58).

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *De Anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. Editora 34: São Paulo, 2012.



BRENTANO, Franz. *Psychology From An Empirical Standpoint*. Routledge: Londres, 2009.

FODOR, Jerry. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT Press, 1983.

FORLÈ, Francesca. *Alva Noë's "Strange Tools. Art and Human Nature" – A Review*. In *Phenomenology Lab*, 2016. Disponível em: <http://www.phenomenologylab.eu/index.php/2016/09/noe-strange-tools/>. Acesso em: 25/08/2018.

LACAN, Jacques. *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*. In LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

MATTHEN, M. *Strange Tools. Art and Human Nature (Review)*. In *Notre Dame Philosophical Review*, 2015. Disponível em: <http://ndpr.nd.edu/news/64305-strange-tools-art-and-human-nature/>. Acesso em: 25/08/2018.

NASCIMENTO, Laura. *Explicando o fenômeno da impregnação teórica da percepção a partir de críticas à tese da modularidade da mente*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2014, 78 p.

NERUDA, Pablo. *Towards the Splendid City*. 1971. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1971/neruda/lecture/>. Acesso em: 25/08/2018.

NOË, Alva. *Strange Tools – Art and Human Nature*. New York: Hill and Wang, 2015.

NOË, Alva. *Action in Perception*. Cambridge: MIT Press, 2004.

TOMASELLO, Michael. *A Natural History of Human Thinking*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

VERHULST, Joris. *Louis Bolke revisited II—Retardation, hypermorphosis and body proportions of humans*, 1993. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/030698779390054T?via%3Dihub>. Acesso em: 02/06/2020.

